



 **Instituto Meio**
desenvolvimento sustentável

20 ANOS

EXPEDIENTE

Conselho

Eduardo Parente
Lars Diederichsen
Filippe Barros

Presidência

Eduardo Parente

Diretoria Executiva

Lars Diederichsen

Gerente de Operações

Renata Costa Monteiro

Gerente de Relações Institucionais e Metodologia

Leandro Prone

Relações Institucionais e Comunicação

Gabriela Castelani

Equipe Administrativa e Financeira

Laís Oliveira

Gestão de Projetos

Ana Bustamante
Caio David
Beatriz Goldenstein
Bárbara Lopes
Piero Pucci Falgetano

Fotografia

Acervo Instituto Meio

Entrevistas, Revisão de Texto e Diagramação

Social Comunicação

CARTA DOS FUNDADORES

Há 20 anos, o Instituto Meio nasceu com um propósito: levar oportunidades de trabalho e renda para pessoas em situação de vulnerabilidade.

Para celebrar esse marco, preparamos esta publicação que não é apenas um registro histórico, mas também um convite à reflexão e à inspiração. **Ela reúne 20 histórias de transformação**, selecionadas para representar a diversidade, a resiliência e a força dos empreendedores, produtores, comunidades e parceiros com quem caminhamos ao longo destas duas décadas.

Cada uma dessas histórias mostra aquilo que os números muitas vezes não traduzem: o impacto real na vida das pessoas. Elas simbolizam não apenas cada ano da nossa caminhada, mas também a pluralidade de olhares que compõem a rede do Instituto Meio — beneficiários, parceiros, colaboradores e lideranças locais que dão voz e corpo à transformação. Cada relato é um pedaço da nossa memória institucional e, ao mesmo tempo, um farol para o futuro.

Este livro evidencia como a **transformação** é o fio condutor da nossa atuação: transformação de pessoas que encontraram novos caminhos de geração de renda; de organizações que se fortaleceram; de territórios que se reinventaram; e, sobretudo, transformação da forma de pensar desenvolvimento, sempre com inclusão produtiva, sustentabilidade e inovação no centro.

Olhando para frente, sabemos que os próximos 20 anos trarão novos desafios: mudanças climáticas, desigualdades persistentes, transformações tecnológicas e sociais. Mas também trazem a certeza de que o modelo de inclusão produtiva territorial, construído junto com comunidades e parceiros, seguirá sendo um caminho sólido para gerar impacto positivo e duradouro.

Este registro é também um agradecimento. Aos que fizeram parte dessa história, nossa gratidão. Aos que chegam agora, o convite para somar esforços. Que as próximas páginas inspirem a continuar acreditando que é possível transformar — e que estamos apenas no começo.



Os fundadores do Instituto Meio, Eduardo Parente e Lars Diederichsen, com os Wai Wai da aldeia Nhamundá Mapuera, no Pará (2008)

2005

Nasce o Instituto Meio com foco em comunidades rurais, onde há maior desigualdade social, mas também grandes oportunidades, diminuindo também o êxodo rural.

2007

Início da atuação junto ao SEBRAE na execução do programa Sebraetec de consultoria tecnológica como entidade executora.

Prêmio Planeta Casa de Ação Social 2007 com projeto de apoio ao artesanato em capim dourado, Mateiros, Tocantins.

Início da parceria com a Fundação Projeto Tamar.

2008

Início da venda de produtos através de participação em feiras nacionais como Craft & Design e Brazil Promotion.

Elaboração do diagnóstico do Artesanato de São Paulo.



2009

Início das vendas na loja física em São Paulo, seguindo os princípios de comércio justo e do projeto Eco Negócios, que buscava gerar renda em comunidades através da exploração sustentável de recursos naturais.

A organização passa a ser reconhecida como OSCIP pelo Ministério da Justiça.

Início da parceria com o Instituto Camargo Corrêa com projeto de apoio aos ceramistas de Apiaí, São Paulo.

2010

O Instituto Meio amplia as atividades com agricultores familiares, incluindo o apoio à certificação orgânica.

O Instituto Meio atinge a marca de 3 mil pessoas atendidas nos projetos em aproximadamente 130 comunidades em todo Brasil.

Início da loja virtual para venda de produtos resultantes dos projetos desenvolvidos. Prêmio Planeta Casa de Responsabilidade Social com o projeto Pet Limpa.

Início das atividades na área de turismo de base comunitária na RESEX Marinha de Soure.

2012

Projeto Talentos do Brasil: desenvolvimento de produtos artesanais em 11 comunidades visando exportação.



2013

Crescimento de mais de 200% de colaboradores, com uma equipe focada integralmente aos projetos, que dedica seu tempo e esforço na realização da nossa missão.

Inauguração de Unidade de Produção de doces artesanais, em Santo Antônio do Grama, MG.

2014

Início das atividades na área ambiental.

Reconhecimento pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo como Instituição Cultural.

Consolidação do projeto APL Polo Cerâmico do Alto Vale do Ribeira.

2015

Início do programa Semeando Oportunidades em parceria com a Cargill em Castro, Paraná.

Grupo apoiado pelo Instituto Meio ganha prêmio BNDES de Economia Solidária.

2016

Início da atuação com o Instituto Votorantim e o BNDES no programa ReDes.

O grupo Sabores do Gramma, apoiado pelo Instituto Meio, é eleito com o melhor doce de leite artesanal de Minas Gerais.

2017

O Projeto Jovem Cidadão, apoiado pelo Instituto Meio, participa do concurso internacional Megacities Shortdocs 2017.

2018

O Instituto Meio e a Cooperativa de Bordados Natividade são reconhecidos entre as 10 melhores práticas de gestão local no prêmio bianual da Caixa (edição 2017/2018), que valoriza iniciativas inovadoras e transformadoras em suas comunidades.

Grupo de artesãs de Apiaí, impulsionado por projeto do Instituto Meio, conquista um novo canal de comercialização com a Tok&Stok, uma das maiores empresas de utensílios e móveis domésticos do país.



2019

Início do uso do WhatsApp como ferramenta de capacitação, ampliando o alcance das formações aos beneficiários.

Projeto Sonho de uma Comunidade Melhor (melhoria comunitária)

Revisão e fortalecimento da Teoria da Mudança do Instituto Meio.

2020

Parcerias com grandes empresas e institutos empresariais se intensificam: Fundação Vale, Vale, BNDES.

2021

Projeto AGIR Pantanal gera mais de R\$430 mil em renda para comunidades locais.

Mais parcerias com grandes empresas se intensificam: a CTG Brasil elenca o Instituto Meio entre executores/mentores de iniciativas de inclusão e desenvolvimento local.

Projeto de Capacitação em Elaboração de Projetos com Organizações da Sociedade Civil em parceria com a Vale.



2022

O Instituto apresenta ao Fundo Socioambiental do BNDES o projeto que originaria o Conexões Transformadoras no Tocantins (Bico do Papagaio, Jalapão e Serras Gerais).

Implementação de dashboard de mensuração de projetos, aprimorando a gestão de impacto.

Lançamento do Frente SAN – Segurança Alimentar e Nutricional com a Fundação Vale e BNDES, para estruturar arranjos produtivos locais em MG e MA.

2023

Seleção inédita para o programa Global Social Enterprise (GSE), conduzido por estudantes do MBA da Yale School of Management, em parceria com a FGV. O projeto tinha como foco recomendar métricas e métodos para mensurar a Teoria da Mudança, ampliando a capacidade do Instituto de analisar e comunicar impacto.

Em parceria com a AES Brasil, o Instituto conclui projeto de inclusão produtiva com cafeicultores em Palmeiral (Botelhos–MG).

BNDES e Instituto Meio lançam a Chamada Pública (Conexões Transformadoras – Bico do Papagaio/TO), com cofinanciamento da Suzano.



2024

Execução de projetos de empreendedorismo e grupos produtivos com o Instituto Votorantim.

Atuação com a CTG Brasil em projetos de grupos produtivos e Arranjos Produtivos Locais (APLs).

Nova parceria anunciada com a Fundação Bunge para beneficiar agricultores em Canarana (MT).

Implementação de projetos de economia circular e cadeia da reciclagem junto à CBA e à Votorantim Cimentos.

Retomada da parceria com a Fundação Projeto Tamar.

Nova parceria com a ArcelorMittal e a Quintessa para preparar pequenos negócios ao mercado B2B. A metodologia combinou videoaulas por WhatsApp e oficinas híbridas.

2025

Seleção, pela segunda vez, para o programa Global Social Enterprise (GSE) da Universidade de Yale e FGV. O foco do projeto foi redefinir a coleta e análise de dados para ampliar o impacto de iniciativas de Arranjos Produtivos Locais (APLs).

Nova parceria com a Samarco para o desenvolvimento do APL do turismo nas regiões de Anchieta e Guarapari (ES).





QUEM SOMOS

Desde sua fundação, em 2005, o Instituto Meio atua no combate à causa raiz do problema da desigualdade de renda: a falta de oportunidade experimentada por tantos brasileiros.

Especialista na concepção e gestão de projetos socioambientais de geração de renda, inclusão produtiva e empreendedorismo, o Instituto Meio fomenta o fortalecimento de soluções economicamente viáveis, socialmente justas, ambientalmente sustentáveis e culturalmente aceitas.

O foco de seu trabalho consiste em levar oportunidades a todo cidadão, de norte a sul do Brasil, capacitando e empoderando pessoas, trocando conhecimentos, ferramentas e apoio para que se desenvolvam como empreendedores ou empregados, favorecendo que cada indivíduo possa realizar seu potencial em benefício próprio, de sua família e comunidade. Com isso, o Instituto Meio busca fomentar o desenvolvimento de ecossistemas sustentáveis e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos.



NOSSA CAUSA

Listado como o quinto maior país em extensão territorial do planeta e como sexta nação mais rica em recursos naturais do mundo, o Brasil – abundante em capital biológico, hídrico, energético e mineral, assim como em diversidade humana e cultural – possui atualmente 29,6% de sua população (62,9 milhões de pessoas) vivendo com renda domiciliar per capita de até R\$ 497 mensais. Ajustando o dado para os índices internacionais de medição da pobreza, isso equivale a U\$ 5,50/dia.

Segundo estudos socioeconômicos de 2021, o mapa da pobreza em solo brasileiro apresenta a região nordeste com 48,4% de sua população vivendo em situação de vulnerabilidade social; seguida pela região norte, com 43,1%; sudeste com 23,3%; centro-oeste com 22,1% e o sul do país, com 13,6% das pessoas à margem da sociedade.

As causas da pobreza no Brasil envolvem fatores históricos, políticos e econômicos, com destaque para a acentuada desigualdade de renda presente no país.

Em busca de melhores condições de vida – que culminou no êxodo rural ocorrido nas décadas de 1970 e 80 – os problemas sociais do país foram intensificados, escalando a favelização nos grandes centros urbanos e todos os problemas sociais decorrentes deste fenômeno. Atualmente 84,7% dos brasileiros vivem em áreas urbanas, enquanto apenas 15,3% permanecem em áreas rurais.

Visto do topo da pirâmide social, o Brasil segue como um dos recordistas em concentração de renda, figurando a décima posição no ranking da desigualdade de renda do mundo.

Em meio a este cenário de grandes contrastes, o Instituto Meio – organização sem fins lucrativos – acredita que um dos maiores desafios para a transformação social é assegurar que todas as pessoas tenham oportunidades de trabalho e geração de renda de maneira digna e sustentável.



TEORIA DA MUDANÇA

A Teoria da Mudança é uma abordagem de planejamento que reúne atributos de avaliação, mensuração e acompanhamento do impacto de um programa. Trabalha com uma perspectiva de resultados a longo prazo, analisada a partir da sequência lógica de resultados intermediários.

A atuação do Instituto Meio é pautada em sua Teoria da Mudança e respaldada por renomadas organizações externas, nacionais e internacionais.

A Teoria da Mudança do Instituto Meio foi consolidada em 2019 e reflete tanto os aprendizados práticos de duas décadas de atuação quanto evidências robustas da literatura nacional e internacional sobre desenvolvimento. Essa teoria se apoia em três pilares complementares que, juntos, orientam a transformação buscada pela nossa organização:



1

Empoderamento (Growth Mindset Strengthening) – desenvolvimento de características psicológicas e comportamentais, como autoestima, autoeficácia, adaptabilidade, aspirações e motivação. O Instituto Meio entende que indivíduos e grupos empoderados são mais capazes de transformar escolhas em ações e resultados, tornando-se protagonistas de sua trajetória de geração de renda.

2

Fortalecimento de Negócios (Business Strengthening) – melhoria da gestão, da produção e da comercialização de empreendimentos locais, por meio de capacitação, acesso a recursos e infraestrutura, processos de inovação e maior competitividade. Esse pilar está associado a métricas tradicionais como aumento de renda, receitas e produtividade.

3

Fortalecimento de Ecossistemas (Ecosystem Strengthening) – articulação de redes de apoio entre cooperativas, associações, empresas, setor público, universidades e organizações sociais. O objetivo é criar condições estruturais que permitam a sustentabilidade de negócios locais, reduzindo a dependência exclusiva de apoio externo e fortalecendo cadeias produtivas territoriais.

A abordagem do Instituto Meio dialoga com diversos referenciais acadêmicos:

Empoderamento

O Banco Mundial define empowerment como a “capacidade de transformar escolhas em ações e resultados” (Alsop & Heinsohn, 2005). Evidências de países como Bangladesh (Hossain et al., 2019) e Hong Kong (Cheung et al., 2005) mostram que maior empoderamento está diretamente relacionado à satisfação com a vida, mesmo após controlar variáveis demográficas e socioeconômicas.

Satisfação com a vida (Life Satisfaction)

Organismos multilaterais como ONU, OCDE e OMS recomendam que, além de indicadores econômicos, países utilizem medidas de bem-estar subjetivo para embasar políticas públicas. Pesquisas apontam a satisfação com a vida como um preditor confiável de bem-estar físico, psicológico e econômico (APA, 2023; Oxford Handbook of Positive Psychology, 2011). Essa métrica foi incorporada pelo Instituto Meio como um dos principais resultados a serem acompanhados.

Autoeficácia

Inspirado em Albert Bandura (1997), o conceito descreve a crença do indivíduo em sua capacidade de atingir objetivos. Estudos com agricultores de Gana, Etiópia e China demonstram que níveis mais altos de autoeficácia levam a maior resiliência, adoção de estratégias de mitigação de riscos e melhores resultados econômicos (Wuepper & Sauer, 2016; Gebrehiwot, 2015).

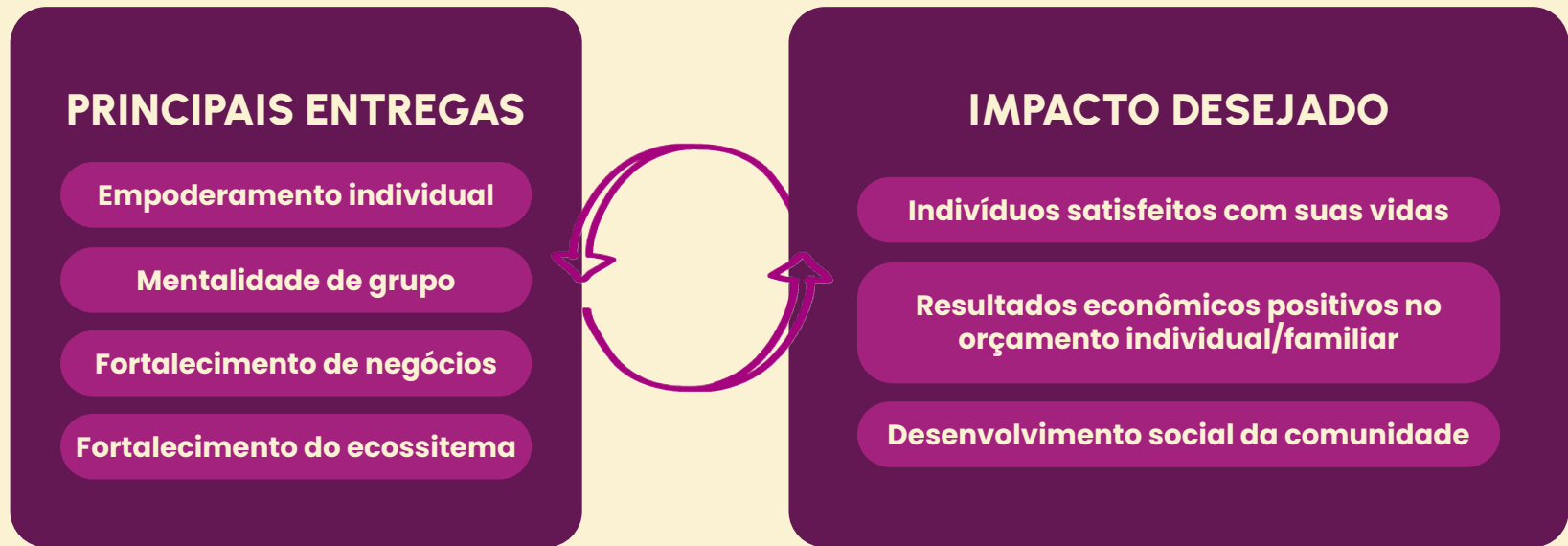
Dinâmica de grupos

Pesquisas em comportamento organizacional (Fulmer & Gelfand, 2012; McAllister, 1995) reforçam que coesão grupal, confiança na liderança e engajamento coletivo são determinantes para o desempenho de cooperativas. O Instituto Meio vivenciou essa realidade em campo: associações como Quizanga (BA) destacaram a união e a confiança como fatores-chave para superar desafios, enquanto outras, em estágio inicial, reconheceram a necessidade de fortalecer a coesão interna para avançar.

Fortalecimento de ecossistemas

A literatura sobre empreendedorismo e cooperativismo enfatiza que negócios locais prosperam quando inseridos em redes amplas e diversificadas. Mazzarol, Simmons & Limnios (2011) destacam que relações de confiança e compartilhamento de conhecimento são essenciais para a sustentabilidade de organizações coletivas. Da mesma forma, a OCDE (2022) defende a importância de mensurar impactos não financeiros, incluindo bem-estar de comunidades e trabalhadores, como parte do desempenho organizacional.

A Teoria da Mudança do Instituto Meio é uma construção viva, validada tanto por experiências concretas em dezenas de territórios brasileiros quanto por evidências acadêmicas globais. Ela traduz a convicção de que a transformação não se limita ao aumento da renda, mas inclui dimensões subjetivas e coletivas que sustentam mudanças duradouras: **a confiança das pessoas em si mesmas, a força das organizações locais e a vitalidade das redes de cooperação.**



A combinação entre teoria e prática torna a Teoria da Mudança do Instituto Meio singular. Ela não nasce apenas de livros, mas da escuta atenta de comunidades, da observação direta dos resultados e da adaptação constante a diferentes contextos do Brasil.

O Instituto Meio acredita que seu fio condutor é a transformação: de pessoas que se descobrem capazes; de negócios que se fortalecem; de territórios que se conectam; e de ecossistemas que se consolidam em redes.



NOSSOS NÚMEROS

2005 A 2025

+130 projetos executados

+47 mil pessoas impactadas

32 parceiros financiadores

Atuação em 23 estados brasileiros

Projetos em 128 municípios

Para cada **R\$1,00 investido** diretamente nos projetos do Instituto Meio, são gerados **R\$2,00 em renda** para as comunidades já nos primeiros **2 anos**.







TRANSFORMAR TERRITÓRIOS, VALORIZAR HISTÓRIAS

Alan Costa sempre soube que o desenvolvimento de uma comunidade vai além da economia. Como consultor de responsabilidade social da Companhia Brasileira de Alumínio (CBA), sua trajetória em Alumínio, no interior de São Paulo, é marcada por um olhar atento às pessoas. Em 2018, esse olhar se cruzou com o trabalho do Instituto Meio, quando ele buscava alternativas para fortalecer a comunidade local. A cidade girava em torno da CBA, mas Alan queria mais: queria ver outras iniciativas ganhando vida, novos caminhos de renda, mais autonomia para quem vivia ali.

Foi, também dessa inquietação que nasceu o projeto Empreende, fruto da parceria entre a CBA, o Instituto Meio e o Instituto Votorantim. A proposta era simples e poderosa: oferecer formação para empreendedores e empreendedoras locais, ajudando-os a estruturar e expandir seus negócios. Mais do que uma capacitação, o Empreende se tornou uma ponte para a dignidade. *“A gente precisava de alguém que entendesse de verdade o território”*, lembra Alan. Encontrou isso na atuação sensível e técnica do Instituto Meio, que mergulhou nas realidades do município com escuta, presença e comprometimento.

A iniciativa, com duração de dois anos por ciclo, oferece capacitação em gestão, controle financeiro, planejamento e estratégias de crescimento. Com o tempo, algo ficou evidente: cerca de 80% das pessoas participantes eram mulheres; à frente de restaurantes, salões de beleza, pequenos comércios, serviços, entre outros. Mulheres que sustentavam suas famílias e carregavam, além dos desafios do

negócio, as dores de uma trajetória marcada por desigualdades. *“Eram histórias de coragem, mas também de invisibilidade. Percebemos que precisávamos oferecer mais do que ferramentas: era preciso reconhecimento.”*

Foi então que, em 2023, nasceu o Empreende Mulher, uma versão afirmativa do projeto, voltada para o fortalecimento do protagonismo feminino, especialmente de mulheres negras e pardas. Com acesso a formação, mentorias e capital semente, elas ganharam fôlego para crescer. Dezenas de mulheres deixaram de apenas ‘dar conta’ e passaram a se reconhecer como líderes, capazes de transformar suas próprias histórias e, por consequência, suas comunidades.

Além das ferramentas práticas, Alan destaca o impacto emocional da jornada. As mulheres encontram no grupo um espaço de confiança, apoio e pertencimento. *“É bonito ver como elas se fortalecem umas às outras, como indicam o projeto, como criam redes. Isso é*

educação socioemocional na prática, é sobre aprender a se ver com mais amor, mais valor.”

Com o tempo, a parceria se expandiu. Além do Empreende Mulher, a CBA e o Instituto Meio passaram a apoiar cooperativas locais, reforçando o dinamismo da economia regional com um olhar social.

Alan enxerga o Instituto Meio como um espaço de construção conjunta, onde ideias são acolhidas e desafios, compartilhados. O consultor também conta que, sempre que surge uma nova provocação, o Instituto responde com abertura, disposição e ação. *“Esse tipo de parceria é raro e valioso. O Instituto Meio realmente acredita no que está fazendo. Existe uma coerência entre o discurso e a prática, e isso faz toda a diferença.”*

Nesse momento de celebração, Alan faz questão de reconhecer o impacto coletivo construído nessa trajetória. São ciclos que geram transformação real, sustentados por relações humanas, consistentes e duradouras.

É um trabalho que reverbera muito além dos números: **reverbera em cada vida tocada.**

Hoje, Alan vive um momento de reconexão com aquilo que realmente lhe faz sentido: contribuir com projetos que têm propósito e impacto. Envolvido com o Instituto Meio, ele reencontra a motivação que o move: a vontade de construir algo coletivo, que transforma realidades. *“O que estamos fazendo aqui é mais do que uma colaboração; é construir a história de um lugar que merece ser contada.”*

“Não falamos só de capacitação, mas de vida, de autoestima, de mulheres que voltam a sonhar. É disso que se trata.”



QUANDO A CAUSA VIRA CAMINHO

Há mais de quatro décadas, o mar é o território onde Neca Marcovaldi constrói sua história. Oceanógrafa, fundadora do Projeto Tamar e hoje diretora de conservação e pesquisa, ela fez das tartarugas marinhas e das comunidades costeiras sua razão de viver, entrelaçando ciência, afeto e compromisso com a preservação. Vive na Praia do Forte, na Bahia, uma das bases mais emblemáticas do projeto. Foi ali que sua trajetória se cruzou com a do Instituto Meio, numa parceria construída com escuta e compromisso com o que realmente importa.

Nos anos 1980, Neca era uma jovem movida pela paixão pelo oceano e pelo desejo de proteger as tartarugas marinhas. A conservação ambiental ainda era um tema distante da maioria das políticas públicas, e falar de inclusão produtiva ou economia social soava quase utópico. Mas, mesmo sem manuais ou verbas garantidas, ela e seus companheiros de jornada entenderam cedo que o segredo estava nas pessoas: nos pescadores que conheciam o mar como ninguém, nas famílias que viviam daquele território e sabiam cuidar dele à sua maneira. Esse olhar atento às dinâmicas locais e à sabedoria comunitária foi o ponto de partida para um modelo pioneiro de conservação.

Essa sensibilidade fez toda a diferença. O Tamar não se limitou a proteger os ninhos das tartarugas. Ele aprendeu a ouvir, a dialogar e a construir junto. Com o tempo, Neca percebeu que o trabalho de conservação só faria sentido se fosse também um projeto de dignidade humana. Ainda nos anos 1990, ela se aproximou das mulheres das comunidades costeiras, muitas delas invisibilizadas e sem renda. Foi com elas que surgiram as primeiras confecções comunitárias, nas quais o fazer manual e coletivo ganhava vida, costurando não só tecidos, mas também pertencimento, autonomia e novas perspectivas de futuro. Essas ações, que reuniram proteção ambiental e empoderamento feminino, tornaram-se símbolo de uma nova forma de pensar sustentabilidade.

Foi em 2007 que o Instituto Meio entrou na vida do Tamar, e na de Neca, como um sopro de organização em meio à intensidade do fazer. Naquela altura, o projeto crescia, ganhava reconhecimento, mas começava a enfrentar desafios de gestão e coerência. *“A gente precisava de ajuda para crescer sem perder a alma”*, ela conta. E encontrou, no Instituto Meio, um apoio raro: sensível, respeitoso e alinhado com seus valores. Lars e Eduardo, fundadores do Instituto Meio, chegaram com calma, coração aberto e ouvidos atentos. Ao invés de impor soluções, trouxeram perguntas, olhar cuidadoso e disposição para caminhar juntos.

A parceria trouxe mudanças concretas: o aprimoramento da identidade visual, o alinhamento dos produtos com os princípios do Tamar e o fortalecimento das cooperativas. Mas, para Neca, o mais valioso foi sentir-se compreendida. Enquanto outras consultorias ofereciam fórmulas prontas, o Instituto Meio entendeu que o mais importante era preservar a essência do projeto; aquela que une gente, mar e propósito.



Em 2013, e depois novamente em 2025, Neca voltou a procurar o Instituto Meio. *“Senti que estávamos nos afastando da nossa raiz. Eles vieram com tudo: argumentos, dados, escuta e, acima de tudo, muito respeito.”* A relação, construída ao longo de anos, permitiu que cada nova etapa fosse vivida com profundidade e leveza.

O impacto dessa caminhada se espalha por muitos lugares. Nas bases do Tamar, o fortalecimento das cooperativas e a coerência na comunicação do projeto ajudaram a manter vivo o vínculo com as comunidades. Na vida de Neca, essa parceria reafirmou uma certeza que carrega no coração: é possível, sim, fazer diferente. É possível cuidar da natureza e das pessoas ao mesmo tempo. *“Essa parceria me mostrou que a gente não precisa seguir o que o sistema dita. Podemos inventar caminhos com beleza, sensibilidade e verdade.”*


“O Instituto Meio nos mostrou que dá pra realizar nossos sonhos sem abrir mão da sensibilidade, da escuta e da nossa verdade.”



CONSTRUINDO TRANSFORMAÇÕES

Construir pontes entre realidades diversas e transformar vidas com afeto e dedicação é o que define a trajetória de Renata Monteiro Costa (44), supervisora de projetos no Instituto Meio. Desde 2007, quando começou como estagiária, descobriu no Instituto um espaço de aprendizado intenso e transformação genuína. Ao longo dos anos, percorreu um caminho de crescimento, assumindo responsabilidades crescentes até liderar sua própria equipe. Cada projeto, cada encontro com comunidades e grupos diferentes, moldou não apenas sua carreira, mas também seu olhar e seu coração, conectando-a profundamente às histórias e às vidas que ajudam a transformar.

Para Renata, o Instituto Meio também é um constante aperfeiçoamento pessoal. Antes de ingressar no terceiro setor, ela teve uma carreira na área de tecnologia da informação, um ambiente muito diferente, onde seu perfil tímido era confortável. Já no Instituto Meio, o desafio foi grande: falar em público, liderar equipes, estar em contato direto com realidades muito diversas e, por vezes, difíceis. *“Eu me formei como profissional e como pessoa aqui. Vi que precisava alinhar meu trabalho com meus valores, e a experiência de crescer entre duas realidades, o conforto de São Paulo e as dificuldades do interior do Pernambuco onde minha família vive, me ajudou a entender melhor o meu papel”,* conta.



Em sua trajetória, um projeto apoiado pelo Instituto Camargo Corrêa deixou uma marca profunda. No interior do Rio de Janeiro, a iniciativa reunia um grupo de bordadeiras que produziam almofadas minuciosamente trabalhadas; peças que levavam mais de oito horas para serem concluídas, mas eram vendidas por valores muito abaixo do justo. A atuação do Instituto Meio foi além da parte técnica, repaginando o produto para torná-lo mais atrativo e ágil de produzir. Foi também um gesto de cuidado humano. A supervisora lembra de uma das participantes que vivia um relacionamento abusivo e, ao conquistar autonomia financeira com o trabalho, conseguiu romper o ciclo de violência. *“Ela conta que terminou o relacionamento porque agora tinha seu próprio dinheiro. Para mim, isso é muito mais do que um resultado econômico, é uma conquista de liberdade”*, afirma.

Essa experiência ilustra bem a complexidade e o impacto dos projetos do Instituto Meio, que vão muito além da geração de renda. *“Entrar na casa dessas pessoas, tomar café com elas, ser acolhida, exige uma sensibilidade enorme, mas também um cuidado para não perder o equilíbrio emocional”*, diz. Ela ressalta que o trabalho não pode ser pautado pelo salvacionismo: *“Não somos heróis nem salvadores, somos parceiros que constroem juntos, com respeito e responsabilidade. Temos claro que o processo tem começo, meio e fim, sempre visando a autonomia das comunidades.”*

Ao olhar para trás, nos 20 anos de existência do Instituto Meio, Renata enxerga uma trajetória feita de pessoas, histórias e aprendizados compartilhados. Ressalta que o sucesso da instituição vem do somatório dessas experiências, do conhecimento acumulado e da sensibilidade que permeia o trabalho. *“Não começamos do zero; temos uma base sólida pavimentada por todos que passaram e contribuíram. Nosso compromisso é continuar levando projetos que gerem autonomia financeira e gestão sustentável, sempre atentos às mudanças sociais e tecnológicas”*, afirma.

Por fim, deixa uma mensagem cheia de esperança e compromisso para o futuro do Instituto Meio:

“Sabemos que não fazemos nada sozinhos; aprendemos muito com as comunidades e empreendedores que apoiamos. É essa via de mão dupla que fortalece e inspira o Instituto Meio a seguir atuando por muitos anos, enfrentando os desafios com sensibilidade”.

“Nosso papel é contribuir para a prosperidade das pessoas com quem trabalhamos, construindo um olhar autônomo para o futuro.”



SONHOS QUE CRIAM REDES

Em meio ao cenário desafiador da pandemia do Covid-19, quando muitos sonhos pareciam suspensos, Suzianny da Silva Mosciaro Ebeling (50), encontrou uma luz que acendeu um novo caminho. Foi nesse tempo incerto que conheceu o Instituto Meio, por meio do projeto Agir Pantanal, em Corumbá (MS). O encontro se tornou o ponto de partida para transformar um antigo desejo em realidade: a criação da PantaMel, sua pequena empresa de produtos apícolas.

Antes dessa transformação, Suzianny vivia o tempo das incertezas como professora universitária substituta, em contratos temporários. O sonho de ter um negócio próprio sempre esteve presente, silencioso, esperando o momento certo para florescer. Durante o isolamento social, enquanto buscava cursos e oportunidades na internet, descobriu o projeto Agir Pantanal. Sem ter ainda uma empresa formal, inscreveu-se com a esperança tímida que cresce quando uma porta se abre. E, para sua surpresa, foi escolhida.

A relação com a apicultura começou em 2003, ao conhecer o trabalho do sogro, que produzia mel e própolis nas margens do Pantanal. A imagem da sogra, com sua caixa de sapatos cheia de vidrinhos para vender, permaneceu anos viva na memória, como um símbolo de um saber simples, mas potente. Anos depois, essas lembranças se tornaram inspiração para empreender. Surgia ali a vontade de dar continuidade àquela história, agora com seu próprio nome e propósito: a PantaMel.

Com o apoio do Instituto Meio, ela formalizou o negócio, abriu o CNPJ e iniciou uma jornada de aprendizado que ia muito além da produção de mel. Missão, valores, precificação, catálogo, gestão: cada etapa

foi sendo construída com orientação e cuidado, mesmo à distância, nas aulas remotas. A Pantamel pode ser pequena em estrutura, mas carrega um enorme significado. Mais do que crescer em escala, seu desejo é manter viva a essência do que a fez começar: um MEI com alma, que representa o despertar de uma empreendedora que ficou adormecida por muito tempo.

Para além dos aprendizados técnicos, a empresária ainda carrega a lembrança dos momentos de formação. Durante o período do projeto, um dos grandes desafios foi a conexão com a internet, especialmente em Corumbá, onde o sinal era bastante instável. A situação era ainda mais delicada para os participantes dos assentamentos e das regiões ribeirinhas, onde o acesso era limitado e exigiu adaptações importantes por parte do Instituto Meio. Mesmo diante dessas dificuldades, o projeto seguiu firme e esse esforço coletivo acabou fortalecendo vínculos e amizades. *“Se não fosse a importância que o Instituto deu, a preocupação*

em concluir a formação, acho que não teria continuado”, diz.

Hoje, amizades construídas no projeto viraram parcerias e negócios. O Agir Pantanal ajudou a cultivar uma rede de empreendedores locais, que juntos fundaram a Associação Pantanal Corumbá Produz, um elo que nasceu do encontro de histórias, saberes e vontades parecidas. Para Suzianny, essa continuidade faz toda a diferença: transforma projeto em vínculo, e formação em cuidado. Ela vê o Instituto Meio como muito mais do que um espaço de aprendizado, mas uma ponte que conecta quem está longe às oportunidades que o mundo tem a oferecer.

A empreendedora segue à frente da PantaMel, conduzindo o negócio com dedicação e propósito. O que nasceu das memórias e da vontade de empreender, ganhou corpo e força, tornando-se uma fonte de renda e realização. Para ela, o que transforma verdadeiramente é o conhecimento, que quando bem compartilhado, abre portas e muda destinos.

“Desejo que todos os trabalhos que vocês já realizaram sejam estrelas para compor o céu de muitas conquistas. Que, daqui a 20 anos, vocês tenham um catálogo ainda maior de pessoas que realmente precisavam e encontraram em vocês a chance de crescer, de aumentar a renda e de conquistar um espaço.”





O RESTAURANTE QUE REACENDEU SONHOS

No alto dos seus 57 anos, Maria de Lourdes Marciliano é o tipo de pessoa que carrega no olhar a serenidade de quem já viveu muitas coisas e, ainda assim, continua aberta ao novo. Uma mulher de coragem, força e determinação que, aos poucos, vem transformando sua vida e realizando seu sonho no interior de São Paulo, na cidade de Alumínio. Dona do restaurante Casarão, ela enfrentou desafios que pareciam intransponíveis, mas encontrou no projeto Empreende Mulher, do Instituto Meio em parceria com a Companhia Brasileira de Alumínio (CBA), um caminho de aprendizado, acolhimento e crescimento.

A cozinheira já tocava seu pequeno restaurante desde 2018, um espaço simples e acolhedor onde preparava, com muito amor, sua famosa feijoada no fogão a lenha; uma tradição familiar que ela faz questão de manter viva. Com a chegada da pandemia, foi obrigada a fechar as portas, mas não desistiu. Continuou vendendo marmitas e enfrentando, junto ao marido, as dificuldades do dia a dia. Quando entrou no projeto, sua principal queixa era a falta de controle financeiro. *“Eu não sabia nem quanto ganhava, nem quanto gastava. Tudo era na intuição”*.

O encontro com o Instituto Meio foi no início de 2023, quando recebeu um convite para participar de um curso gratuito voltado a mulheres empreendedoras. *“No começo, eu desacreditava. Achei que era conversa, sabe? Mas falei: não custa nada tentar.”* Com essa atitude simples e corajosa, ela se inscreveu e foi selecionada para fazer parte da turma.

O curso foi muito mais que uma capacitação técnica. Para ela, foi uma verdadeira virada de chave. Com o apoio das educadoras e da equipe do projeto, aprendeu a organizar seu caixa, a planejar seus gastos e, principalmente, a acreditar mais em si mesma como empreendedora. *“Entre com a cara e a coragem, sem capital nenhum, só com o lugar. As meninas tiveram muita paciência comigo, porque minha cabeça já estava meio fechada para estudo”,* conta com um sorriso tímido, mas cheio de orgulho.

A coragem para defender o que acredita também rendeu à Maria de Lourdes a vitória no pitch de apresentação de seu restaurante e, por consequência, um capital semente. Motivada pela nova fase, a dona do Casarão não parou por aí. Fez outros cursos e já está de olho nas próximas oportunidades. *“Terminei um curso de marketing, outro para alavancar vendas, e vou fazer mais. Agora, eu quero crescer.”*

O reflexo desse esforço também chegou ao restaurante, que dobrou o número de clientes e passou a receber pessoas de outras cidades.

Para Maria, o Instituto Meio é uma semente que deveria ser plantada em muitos outros lugares. Ela acredita que o conhecimento é o que realmente transforma vidas.

Olhar para trás é ver uma trajetória de superação, coragem e evolução. Maria de Lourdes é a prova de que, com apoio, conhecimento e vontade, é possível transformar sonhos em realidade. A empreendedora sabe que ainda tem muito a aprender, mas hoje se sente mais confiante, mais preparada e, acima de tudo, feliz com o que construiu. E deixa um convite cheio de verdade para outras mulheres: *“Estudem, aprendam, de coração; isso vai mudar a sua cabeça e a sua vida.”*

**“O que aprendi aqui não tem preço.
A gente cresce, abre a mente, conhece gente nova.
Tudo que sou hoje, devo ao Instituto Meio.”**





DA TRADIÇÃO FAMILIAR AO EMPREENDEDORISMO

Em meio à agitação das colheitas de morango na pequena Apiaí, interior de São Paulo, Juracy Rosa do Prado, a querida Jura, encontrou um instante para abrir seu coração e compartilhar sua caminhada. Aos 61 anos, com mãos calejadas e um sorriso sereno, ela revela uma história de coragem e transformação, marcada pela parceria com o Instituto Meio, que esteve presente em cada passo de sua jornada na agricultura familiar. Mesmo com o telefone vibrando sem parar e o tempo curto entre uma colheita e outra, Juracy falou com a calma de quem sabe que o verdadeiro valor está no esforço e na dedicação diária.

Antes do projeto do Instituto Meio, a vida de Jura era marcada por dificuldades e muitas tentativas frustradas. *“Era um caos”*, relembra, com a sinceridade que só quem lutou sabe ter. Plantava diversas culturas, mas nada dava certo. O esforço parecia não render frutos e o desânimo ameaçava tomar conta. Na época, o marido trabalhava fora, longe, e a agricultora se via sozinha na luta diária para manter a terra produtiva. Mesmo diante dos muitos erros e perdas, ela nunca desistiu. *“Eu lutava, lutava, lutava”*, conta, lembrando dos momentos difíceis em que tudo parecia escapar pelas mãos.

Foi num convite desprezioso que tudo começou. Em meados de 2014, uma amiga da comunidade fez o convite para participar de uma reunião sobre agricultura, e ela foi mais por curiosidade do que por expectativa. O que parecia apenas mais um encontro se revelou o ponto de partida para uma transformação profunda. Naquele dia, teve o primeiro contato com o Instituto Meio, em um projeto realizado em parceria com o Instituto Camargo Corrêa. Sem saber, estava abrindo a porta para uma jornada que mudaria sua vida, seu trabalho e sua relação com a terra.

Nos primeiros dias do novo desafio, o sentimento era de dúvida e desconfiança. Mas a chegada das mudas e insumos foi um marco que trouxe esperança. Ela recorda com emoção os dias em que cinco ou seis carretas carregadas de materiais chegaram, e os agricultores, junto com suas famílias, se mobilizaram para receber tudo. Foi essa confiança renovada que abriu o caminho para a transformação que estava por vir.

Com o avanço do projeto, começou a receber acompanhamento técnico, especialmente de um agrônomo (de quem lembra com saudade) que propôs uma ideia ousada para a região: o cultivo de morangos. Na época, ninguém ali sabia muito sobre a fruta, e os primeiros passos foram repletos de desafios. *“Foi um sonho, todo aquele morango”*, lembra. Jura começou com uma única estufa e perdeu toda a primeira colheita, mas manteve a fé. A filha, que como tantos jovens do interior havia partido em busca de estudos e novas oportunidades, retornou às terras da mãe trazendo na bagagem a formação em agronomia e a especialização em cultivo protegido. Esse reencontro com as origens deu novo destino à roça, que enfim começou a florescer.

Com os morangos florescendo, outra frente do trabalho de Jura também ganhava força. Já conhecida na cidade pelos doces caseiros, começou a transformar parte da colheita em geleias artesanais, feitas com o mesmo cuidado dedicado ao plantio. A produção cresceu junto com o cultivo: enquanto aprimorava as técnicas no campo, também testava e refinava as receitas na cozinha. Foi assim que nasceu a *Da Roça com Amor*, uma pequena agroindústria familiar que une afeto, agricultura e empreendedorismo. Com o aumento da demanda, a estrutura precisou acompanhar o ritmo: a cozinha agroindustrial, antes modesta, passou por uma reforma completa. *“Está tudo certinho agora”*, conta, com o brilho nos olhos de quem vê um sonho tomar forma.

Hoje, com seis estufas e cerca de 18 mil pés de morango, Jura vive da produção que construiu ao lado da família, com muito trabalho, amor e perseverança. E ela quer mais: o objetivo agora é chegar a 25 mil pés plantados. Mas o impacto da iniciativa foi além da renda. A empreendedora fala com

orgulho das histórias que floresceram junto com os morangos. A criação da COOPAV (Cooperativa Agroindustrial do Alto Vale do Ribeira) foi um desses marcos, unindo produtores da região e fortalecendo a rede de apoio entre agricultores locais.

O Instituto Meio é muito mais que um parceiro técnico, é uma presença séria, comprometida e transformadora na vida das pessoas. Juracy destaca a organização, a honestidade e o cuidado da equipe, especialmente dos fundadores, que acompanharam o projeto de perto. Neste momento especial dos 20 anos do Instituto Meio, ela deixa uma mensagem de carinho e esperança para que a organização continue transformando vidas por muitos anos: *“Que Deus ajude eles a continuar”*, diz emocionada, reconhecendo o valor do trabalho sério e dos resultados reais que inspiram quem luta diariamente por um futuro melhor.

“Essas pessoas não estão brincando não, agora é de verdade, agora é de verdade!”



TRANSFORMAR COM AFETO

Movida pela vontade de transformar realidades, Sabrina Moraes (32) encontrou no Instituto Meio, desde 2022, um espaço para colocar seu propósito em prática. Atuando como consultora local nos municípios de Cachoeira e Maragogipe, na Bahia, ela acompanha de perto o Projeto ReDes, do Instituto Votorantim, nas comunidades quilombolas de Santiago do Iguape, Tabuleiro da Vitória, Dendê e Kaonge. Sempre ligada às causas sociais, foi ali que descobriu uma forma única de gerar impacto: um trabalho que une planejamento cuidadoso a um olhar humano e sensível. Entre a criação de oportunidades de renda, a valorização da cultura local e o fortalecimento dos territórios, vivencia diariamente a força da mudança que nasce do afeto, da dedicação e do compromisso genuíno.

Antes da aproximação do Projeto Redes com o Instituto Meio, Sabrina já tinha uma caminhada marcada pelo envolvimento com projetos sociais, mas sentia que muitos esforços não se sustentavam ou não geravam transformações profundas. *"Faltava continuidade, uma metodologia que respeitasse de verdade as comunidades"*, explica. Quando o projeto em parceria com o Instituto Votorantim surgiu em sua vida, percebeu que ali havia um jeito diferente de trabalhar, que dialogava com a realidade local, escutava as pessoas e tinha uma construção conjunta, sem imposições.

O desafio, no entanto, era grande. As comunidades quilombolas têm histórias complexas e enfrentam questões que atravessam gerações. Mas com o tempo, a relação foi se fortalecendo, e Sabrina se tornou parte desses territórios. *"Hoje eu já me sinto da comunidade, as pessoas me conhecem, a gente cria um laço de carinho"*

e confiança que vai além do trabalho”, conta. Para ela, esse vínculo é essencial para que o projeto não seja só mais uma ação isolada, mas sim um processo que transforma vidas.

Essa confiança veio da metodologia participativa do Instituto Meio, que atuou, desde o plano de negócios até a execução. Tudo é construído em conjunto com as comunidades, sempre em diálogo. *“Essa escuta ativa faz com que o projeto gere resultados reais e duradouros”, diz. Um bom exemplo dessa dinâmica é a unidade de beneficiamento de marisco, um espaço de trabalho pensado para as mulheres quilombolas. No início, muitas delas não se apropriaram do local, por medo ou falta de entendimento, mas com paciência e participação, aos poucos foram percebendo o potencial daquele empreendimento para melhorar suas vidas.*

Os resultados são visíveis em muitas histórias que Sabrina acompanha de perto. Famílias que aumentaram sua renda,

mulheres que conquistaram autonomia, jovens que passaram a enxergar oportunidades em seu território. *“Quando escuto que alguém conseguiu pagar a faculdade do filho ou voltou a ter orgulho do próprio trabalho, sei que todo o esforço valeu a pena”, emociona-se.*

Mais do que uma consultora local, é um ponto de referência e apoio para muitas pessoas nas comunidades. Ela é procurada para ouvir dúvidas, dar conselhos e até acolher desabaços. *“Esse vínculo é o que fortalece nosso trabalho, porque vai além da técnica, é humano”, reflete.*

Além do contato próximo com as comunidades, a consultora valoriza muito o ambiente de trabalho. e destaca a flexibilidade e o respeito às suas necessidades pessoais, que fazem toda a diferença no dia a dia. Para ela, o Instituto Meio traz uma forma de pensar *“fora da caixinha”,* algo muito positivo, que amplia horizontes, e a faz refletir sobre novas formas de construir, desenhar, avaliar e conduzir projetos.

“Ver um projeto nascer, construído com o apoio técnico de uma organização que sabe fazer acontecer, dá a certeza de que o negócio vai dar certo. Que o Instituto Meio mantenha essa dinâmica de compromisso e seriedade em tudo que faz.”





DUAS DÉCADAS DE PARCERIA LEVE E TRANSFORMADORA

Há histórias que começam de forma simples, mas acabam se tornando parcerias para a vida toda. Foi assim com Edgard Barki e o Instituto Meio. Em 2005, o professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) recebeu o convite para criar um curso sobre estratégia e empreendedorismo. Desenvolveu o conteúdo e as apostilas com cuidado, sem imaginar que aquele trabalho inicial abriria caminho para uma relação que já dura quase vinte anos. Ao longo desse tempo, o que começou como um projeto pontual se transformou em uma trajetória de aprendizados, confiança e um compromisso compartilhado: transformar realidades.

Com o passar dos anos, essa relação se fortaleceu, assumindo diferentes formatos. Alguns projetos foram conduzidos diretamente por ele, como pessoa física, enquanto outros nasceram da conexão entre a FGV e o Instituto Meio. Para Edgard, a parceria sempre foi muito mais do que a entrega técnica: *“O principal é o apoio mútuo. É a possibilidade de influenciar outros stakeholders, de divulgar conhecimento e ampliar o alcance das ideias.”* Entre os momentos mais marcantes, destaca os eventos realizados na instituição, que levaram os conceitos de arranjos produtivos e inclusão produtiva a um público mais amplo.

Para o professor, o impacto vai além dos números. Há um valor imensurável em criar espaços para troca, diálogo e construção coletiva de soluções. Essa é, talvez, uma das maiores forças do Instituto Meio na sua visão: não se limitar a projetos pontuais, mas atuar como catalisador de debates e movimentos mais amplos, que conectam diferentes setores e agentes do território. *“Esses eventos sempre geram sinergias positivas. A gente usa o espaço da FGV para divulgar resultados, comunicar ideias e inspirar novos caminhos”,* conta.

Entre os aspectos que mais o encantam no trabalho do Instituto Meio, destaca o comprometimento da equipe e uma visão de desenvolvimento que não se limita ao indivíduo. Ao investir em arranjos produtivos locais, a organização aposta em mudanças que transformam territórios inteiros, com efeitos que se estendem no tempo. *“Quando você atua apenas com as pessoas, é importante, mas tende a ser individualizado. Já quando se trabalha com territórios, o impacto é mais duradouro.”* Para ele, essa abordagem integrada é o que faz do Instituto uma referência única no Brasil.

Outro ponto que valoriza é a qualidade das equipes que, ao longo de 20 anos, mantêm um padrão raro de excelência. Mesmo com as mudanças naturais, o equilíbrio entre conhecimento técnico e sensibilidade humana permanece como marca registrada.

Ao projetar os próximos anos, o professor reforça a importância de preservar essa essência humanizada, que vai além das métricas. *“O impacto do Instituto Meio vai muito além dos números.”*



É sobre mudanças, não só sobre quantas pessoas foram atendidas.” Ele acredita que, mantendo essa visão, a organização seguirá como referência no ecossistema de impacto social.

Passados 20 anos desde o primeiro projeto, Edgard segue com o mesmo entusiasmo de quando tudo começou. Para ele, essa história é a prova de que relações construídas sobre confiança, propósito e visão de longo prazo têm o poder de transformar realidades. E que, quando se trabalha pelo território e pelas pessoas de forma integrada, o impacto se espalha, se fortalece e permanece no tempo.

“São equipes que aliam o conhecimento técnico a um lado humanizado forte. Isso é potente.”



DIREÇÃO PARA O FUTURO

No coração do Recôncavo Baiano, comunidades rurais enfrentam desafios antigos: recursos limitados, produção concentrada em poucas culturas e a dificuldade de transformar esforço em renda e impacto coletivo. Foi nesse cenário que a Associação Comunitária dos Pequenos Produtores Rurais da Quizanga (ACOPERUQUI), em Maragogijipe, encontrou um líder capaz de unir visão, determinação e cuidado com o grupo. À frente da associação desde 2017, Alexandre Vieira da Cruz, 39 anos, agricultor e presidente, se dedicou a fortalecer a comunidade, mostrando que liderança e trabalho coletivo podem transformar realidades e gerar frutos que vão muito além da terra cultivada.

Antes de conhecer o Instituto Meio, Alex já estava envolvido tanto na agricultura quanto na gestão comunitária, mas esbarrava em obstáculos que limitavam o avanço da sua comunidade. A produção era basicamente voltada para poucas culturas, o que deixava os agricultores vulneráveis às oscilações do mercado, e as iniciativas coletivas raramente ganhavam força por falta de acesso a capacitação e redes de apoio. *“A gente plantava sempre as mesmas coisas, vendia para os mesmos compradores e ficava na dependência de poucos resultados. Faltava visão e, principalmente, oportunidade para crescer junto”,* relembra.

Em 2019, a vida de Alex e da associação começou a mudar com a chegada do projeto do Instituto Votorantim de compra coletiva de insumos, executado pelo Instituto Meio. A iniciativa trouxe estrutura, capacitação e novos horizontes, mostrando que a agricultura local poderia gerar renda e impacto positivo de forma planejada e sustentável. *“Foi um divisor de águas, sempre falo isso, o Instituto Meio foi um legado para a comunidade”,* afirma.

O projeto foi construído passo a passo, com estudo, amadurecimento do grupo e acompanhamento próximo de profissionais como Eduardo Parente, que contribuíram para o fortalecimento do associativismo local. Alex destaca o cuidado do Instituto Meio em ouvir e compreender as necessidades da comunidade, criando soluções concretas e respeitando o contexto local.

Além do fortalecimento organizacional, o projeto permitiu diversificar a produção agrícola. Antes focados principalmente em aipim, os associados passaram a cultivar limão, laranja, maracujá, abacaxi, banana e até apicultura, ampliando a renda e a autonomia da comunidade. *“Foi todo pensado, potencializando o que a gente já tinha e abrindo novos horizontes”*, conta Alex, destacando a importância do planejamento e da orientação técnica.

O impacto também se refletiu nas vendas e na visibilidade da produção. A associação conseguiu acessar canais de comercialização como o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) e negociar com diferentes com-

pradores. *“Aprendemos a vender, a negociar e isso foi um passo importante”*, conta. Para ele, o projeto funcionou como uma bússola, apontando caminhos antes desconhecidos e ajudando a orientar cada decisão rumo ao crescimento.

Para Alex, a parceria com o Instituto Meio deixou um legado duradouro. *“A parceria deixou um legado na comunidade, marcou a associação e me transformou como presidente”*, diz. Ele deseja que a organização continue impactando comunidades e celebra os 20 anos de história da instituição com reconhecimento e esperança: *“Que venha mais 20 anos, que possamos desfrutar novamente dessa parceria. Vida longa ao Instituto Meio!”*

“Foi um divisor de águas, sempre falo isso, o Instituto Meio foi um legado para a comunidade.”





SABOR DE SONHOS REALIZADOS

Dizem que os doces têm o poder de transformar (e adoçar) histórias, e poucas pessoas sabem disso tão bem quanto Maria das Graças Souza, conhecida, desde pequena, como Dona Branca. Aos 65 anos, ela é referência em Santo Antônio do Grama (MG), onde acompanha de perto cada detalhe da fábrica de doces que ajudou a fundar e que hoje encanta o Brasil inteiro. Desde os primeiros potes de goiabada feitos em sua própria casa até a consolidação da Sabores do Grama, Dona Branca viveu uma trajetória marcada pela dedicação, pelo carinho e pela coragem de sonhar grande.

Antes da fábrica, já era produtora de goiabada, um talento que aprendeu com a mãe e que exercia como hobby. *“Era tudo bem caseiro, sabe? Na fornalha de tijolinho, mexendo com colher de pau”*, lembra. Esse cuidado artesanal se tornou a base de tudo o que viria a seguir. A chegada da Camargo Corrêa à cidade abriu novas portas, convidando-a a integrar uma associação de mulheres para a produção de doce de leite, transformando seu talento em um negócio estruturado e coletivo.

A participação no projeto junto ao Instituto Meio, iniciada em 2010, foi um ponto de virada. *“Veio como a luz da nossa vida. Eles fizeram uma pesquisa sobre os talentos da cidade e nos mostraram que tínhamos muito a oferecer”,* recorda. Foi assim que a escolha pelo doce se consolidou, guiada pelo gosto e pelo talento de Dona Branca, que também poderia ter escolhido o bordado, mas viu nas compotas a oportunidade de impactar sua comunidade.

Com o apoio do Instituto Meio, a associação se fortaleceu, recebeu orientações sobre gestão, cursos de capacitação em Fortaleza (CE) e apoio para adaptar um espaço cedido pela prefeitura. Dona Branca recorda o entusiasmo e a surpresa com os primeiros grandes tachos de leite: *“Ficamos até doidas, porque nunca tínhamos visto tanto doce de leite de uma vez!”*. Cada passo era acompanhado de perto e com atenção, garantindo que o sonho se transformasse em realidade concreta.

O início das vendas foi desafiador, mas a persistência de Dona Branca e da equipe logo fez a diferença. *“Oferecia para quem não queria, oferecia para outro que não queria, e graças a Deus, hoje a gente não dá conta mais de tanto pedido que tem”,* comenta, com o orgulho de quem vê seu trabalho ser reconhecido e apreciado. A fábrica não é apenas um empreendimento; é um espaço de geração de renda, aprendizado e conexão humana.

Mais do que administrar, a empresária gosta de cuidar. Cada pote de doce carrega atenção, amor e memória familiar. A fábrica, hoje composta por dez pessoas e alguns colaboradores que cuidam da lenha, leite e elétrica, tornou-se uma extensão da sua casa e de sua história. O que começou como hobby virou missão de vida, e cada cliente novo é um testemunho do impacto de sua dedicação.

O Instituto Meio, para Dona Branca, foi mais do que um parceiro: foi um verdadeiro ponto de virada. *“Quem tiver oportunidade de conhecer o Instituto Meio, pega e agarra com vontade mesmo, porque vale a pena. Ele trouxe tudo de bom para a nossa vida”,* afirma, emocionada. A relação construída ao longo dos anos transformou não apenas o negócio, mas também as vidas das mulheres e famílias envolvidas.

“Veio como a luz da nossa vida. Eles fizeram uma pesquisa sobre os talentos da cidade e nos mostraram que tínhamos muito a oferecer.”



INOVAÇÃO QUE TOCA VIDAS

Transformar pequenos gestos em grandes impactos: é assim que Carla Duprat enxerga o trabalho social. Desde sua atuação como diretora executiva no Instituto InterCement, acompanhou projetos que uniam inclusão produtiva e desenvolvimento local, e foi nesse caminho que conheceu a força do Instituto Meio. Para Carla, hoje diretora executiva do ICE (Instituto de Cidadania Empresarial), a parceria mostrou que competência técnica e sensibilidade podem caminhar juntas, gerando mudanças concretas e duradouras nas comunidades. *“O Instituto Meio sempre trouxe segurança, profissionalismo e uma metodologia muito adequada aos potenciais parceiros locais”,* afirma.

Ela recorda, com carinho, que o Instituto Meio foi um apoiador essencial, presente em municípios onde a InterCement possuía fábricas de cimento, apoiando diretamente programas de inclusão produtiva. *“Foi uma parceria que funcionou super bem, porque eles souberam entender a evolução da organização e nos ajudar a compreender, dentro das mudanças de cenário, o que era possível fazer nessa agenda”,* conta Carla. Mesmo diante de contextos desafiadores, a equipe manteve flexibilidade e proximidade, ajustando ações de acordo com as necessidades de cada município.

Foi a adaptabilidade e a criatividade da equipe que marcaram Carla profundamente. Durante a pandemia, por exemplo, o Instituto Meio trouxe soluções inovadoras, como formações por WhatsApp, mantendo a continuidade do trabalho sem perder qualidade ou profundidade. *“Além de toda a competência e conhecimento técnico, eles souberam ler o momento do cliente, equilibrando a relação com a empresa e com os empreendedores locais.”,* explica.

O projeto alcançou diversas cidades e estados em 2020: Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Alagoas e se transformou ao longo do tempo.

Teve início com o programa Futuro Ideal e chegou à versão final, chamada Ser Mais Empreendedor. Em cada localidade, a equipe ajudou a identificar vocações econômicas, fortaleceu empreendedores e ofereceu apoio contínuo, com metodologias seguras e perfeitamente adaptadas à realidade de cada comunidade.

Entre os resultados concretos que mais emocionaram Carla estão os avanços de associações de produtores locais, como as de morangos e licuri, o famoso coquinho baiano. Elas conseguiram acessar mercados urbanos maiores, firmar parcerias com escolas para fornecer produtos à merenda escolar e transformar sua produção em fonte de renda sustentável. A associação de produtores de licuri, em Campo Formoso (BA), era jovem, mas extremamente madura, e passou a explorar todo o potencial do coco; do extrato de óleo ao aproveitamento dos resíduos como insumo para indústrias da região.

“A semente foi plantada, as empresas abriram para um novo fornecedor e a associação encontrou uma nova fonte de receita. É impressionante ver como pequenos arranjos podem gerar impactos concretos”, afirma.

Para Carla, o diferencial do Instituto Meio está na execução cuidadosa e na construção de confiança com as comunidades. *“Não é só cumprir cronograma ou entregar relatório. É acompanhar, dialogar, orientar e fazer acontecer na ponta. Eles sabem negociar com prefeituras, associações e produtores locais, e conseguem tornar viável o que, muitas vezes, parecia impossível. Isso faz toda a diferença para quem está desenvolvendo o negócio local e para as comunidades que recebem o impacto”, observa.*

“Em um país onde organizações sociais enfrentam desafios de sustentabilidade financeira, alcançar esse marco é um sinal de excelência e impacto real.

O Instituto Meio prova que dedicação, método e afeto transformam vidas e territórios.”





IMPACTO SOCIAL COM SENSIBILIDADE

Desde o início da sua trajetória no setor social, Jair Resende sempre buscou maneiras de deixar um legado concreto para as comunidades. Superintendente socioeducativo da Fundação FEAC em Campinas (SP), ele conheceu o Instituto Meio quando ainda atuava no Instituto Camargo Corrêa, enquanto buscava formas de estruturar grupos produtivos e gerar renda para regiões impactadas por grandes obras. *“O que me chamou atenção foi a capacidade do Instituto Meio de adaptar soluções para cada realidade, valorizando o contexto local e fortalecendo as pessoas envolvidas”*, lembra.

Antes do contato com o Instituto Meio, já coordenava programas de geração de renda e desenvolvimento econômico, mas enfrentava o desafio de criar soluções duradouras em territórios com obras temporárias e economia instável. *“O objetivo era deixar algo concreto, que pudesse permanecer depois da passagem das empresas. Mas nem sempre era fácil estruturar coletivos que se mantivessem vivos no tempo”*, explica. A busca por um modelo flexível e adaptável levou-o a conhecer os fundadores do Instituto Meio.

O primeiro projeto em conjunto aconteceu no Vale do Ribeira, em Apiaí, com um grupo de mulheres que trabalhavam com cerâmica tradicional. Apesar do talento e da dedicação, os produtos tinham baixo valor agregado e a produção manual era exaustiva. Jair recorda: *“O Instituto Meio não trouxe uma fórmula pronta, mas construiu uma trilha adaptável, que entendia o contexto delas.”* Com equipamentos adequados, formação em precificação e design, e conexão com o mercado, as mu-

Iheres passaram a produzir de forma mais segura, eficiente e com maior valorização do seu trabalho.

O impacto foi imediato e profundo. As peças conquistaram novos compradores e chegaram até empresas de decoração de alto padrão. A criação da Casa do Artesão, em um espaço reformado da prefeitura, permitiu que os produtos fossem vendidos em um ponto estratégico, aumentando a visibilidade e a renda do grupo. *“Ver aquelas mulheres transformarem sua dedicação em resultados reais, se organizarem e conquistarem autonomia econômica, foi emocionante”*, diz Jair.

Outro exemplo marcante é do grupo de mulheres em Minas Gerais, que começou fazendo doces no quintal de casa, com recursos limitados e vendendo apenas localmente. Com o apoio do Instituto Meio, o grupo ganhou estrutura completa: equipamentos adequados, capacitação em produção e segurança, orientação sobre design e precificação, e acesso

a novos mercados. *“Foi emocionante ver como elas passaram a produzir de forma organizada, mantendo a tradição, mas com qualidade, design e conexão com o mercado. Isso mudou completamente a vida delas”*, lembra Jair. Hoje, a marca criada por elas, Sabores do Grama, se consolidou como referência local, e o grupo comprou seu próprio terreno, fortalecendo a independência e a sustentabilidade do empreendimento.

A parceria se estendeu a outros estados e grupos: costureiras em Pernambuco, artesãos de cristais em Goiás, produtores de mel no Rio Grande do Sul e bordadeiras no Rio de Janeiro. Em cada experiência, Jair percebeu que o diferencial do Instituto Meio estava na adaptação ao território e à cultura de cada grupo. *“Eles não replicam soluções; eles entendem o contexto, conectam saberes e recursos, e garantem que os empreendimentos tenham continuidade mesmo depois do fim do projeto”*, observa.

“Eles conseguem potencializar cada realidade, criando soluções que fazem diferença de verdade. Tenho muito orgulho de ter caminhado com eles em alguns momentos e desejo que continuem espalhando impacto e inspiração por tantas comunidades do Brasil nos próximos anos.”





“Temos uma boa equipe, uma metodologia sólida, parceiros que acreditam em nós e comunidades que se doam aos projetos. Esses ingredientes sustentam nosso trabalho e fazem toda a diferença.”

DE DENTRO PARA FORA: O INSTITUTO MEIO COMO MISSÃO DE VIDA

Nascido no México em uma família de origem alemã, Lars Diederichsen trilhou desde cedo um caminho marcado pelo design e pela curiosidade pelo mundo. *“Fiz o colégio alemão e depois decidi estudar desenho industrial na Alemanha. Trabalhei na Itália, fui para Londres e depois voltei para o México”,* lembra.

Já no Brasil, começou a trabalhar em projetos de design de móveis e sistemas de iluminação. Mas foi a experiência prática na marcenaria, cultivada ainda antes da faculdade, que acabaria guiando-o para algo maior, além do design: transformar a vida das pessoas por meio do conhecimento e da geração de renda.

O primeiro contato de Lars com a realidade social brasileira veio com o projeto piloto **Tradição e Renovação**, em Brasília, organizado pelo SEBRAE. A iniciativa buscava agregar valor aos artesãos locais, combinando técnicas tradicionais com design inovador. Ali, a semente de um propósito maior começou a germinar: usar o conhecimento como ferramenta de impacto social.

Nos anos seguintes, Lars passou a ser chamado por organizações como o PNUD e o próprio SEBRAE para trabalhar em diagnósticos e projetos em diferentes regiões do Brasil. Atuou na Amazônia, com marceneiros e cadeias produtivas de madeira e móveis, e em outros territórios, sempre com o foco em gerar renda e criar oportunidades reais.

Mas sentia que podia ir além. *“Chegou um momento em que precisei decidir. Era preciso um trabalho a várias mãos, com horizonte de tempo maior do que eu estava conseguindo como consultor isolado”,* explica.

Foi nesse contexto que nasceu o Instituto Meio, junto a Eduardo Parente. A ideia era criar uma organização voltada para gerar renda, levando conhecimento às comunidades e ajudando-as a descobrir seus potenciais.

Em 2005, após um ano de planejamento, o Instituto Meio foi formalizado, com projetos voltados inicialmente ao artesanato, depois ampliados para áreas agrícolas, beneficiamento de alimentos e turismo comunitário. Entre as primeiras ações, Lars destaca o trabalho com um grupo de artesãs em Apiaí, no Vale do Ribeira. O Instituto Meio ajudou a transformar técnicas tradicionais em produtos com maior valor agregado, criando oportunidades reais de renda e atraindo turistas para a região.

Outro exemplo é o de uma comunidade que transforma o sisal

em produtos. Ele lembra de um caso emblemático: *“Elas faziam uma bolsa de sisal para alimentar o gado, chamado de cocho. Nós adicionamos uma alça de couro e transformamos o cocho em bolsa, e aquilo passou a ser vendido por oito vezes mais. Pequenos ajustes, mas que mudaram vidas”,* recorda.

A capacidade de unir conhecimento técnico a soluções práticas e adaptadas à realidade local tornou-se um dos pilares da metodologia do Instituto Meio, e, ao longo de duas décadas, essa abordagem flexível se consolidou como marca da organização.

A pandemia de COVID-19, por exemplo, foi um teste inesperado. *“Somos muito presenciais, dependemos do contato com as comunidades. Ficamos assustados, mas isso nos obrigou a visitar nossa metodologia, trabalhar com indicadores mais claros e adaptar nossas práticas, mantendo o impacto mesmo em condições limitadas”,* conta Lars.

Experiências em territórios indígenas, como entre os Wai Wai, no Pará, também reforçaram a

necessidade de sensibilidade e flexibilidade, aprendendo a comunicar conceitos complexos de forma simples e prática.

O fundador destaca que o maior aprendizado desses 20 anos é justamente a habilidade de transformar conhecimento em ação concreta. *“É quase uma negociação produtiva: juntamos o que eles querem fazer com o que acreditamos que pode dar certo. Isso gera projetos de sucesso. Hoje, cerca de 90% dos projetos que iniciamos ainda existem. Isso é muito significativo”,* afirma.

Muito desse sucesso ele acredita aos profissionais que já passaram pelo Instituto Meio. Para ele, o trabalho colaborativo é um dos segredos da longevidade da instituição.

Olhando para o futuro, Lars mantém o entusiasmo e a confiança na continuidade do impacto social. Quer continuar a ajudar a gerar confiança, empoderamento e esperança, provando que, com dedicação, sensibilidade e colaboração, o conhecimento pode transformar vidas e territórios inteiros.



O SONHO QUE SE CONSTRÓI NO COLETIVO

Nem sempre o caminho de volta é fácil, mas pode ser transformador. William Francisco Souto (51), de Cristalina (GO), encontrou em um projeto da Camargo Corrêa com o Instituto Meio uma oportunidade de reconectar-se com suas raízes e ao mesmo tempo abrir novas perspectivas de futuro. Ao falar sobre sua trajetória, suas palavras carregam a simplicidade da vida no interior e a força de quem acredita que é possível crescer sem deixar para trás o lugar de onde veio. Sua história mostra que, quando iniciativas sérias se encontram com lideranças comprometidas, comunidades inteiras podem florescer.

Desde que retornou à sua cidade natal, depois de morar quase dez anos em Brasília, o funcionário público dedicou-se a fortalecer a comunidade local, unindo artesãos e pequenos mineradores em torno de um projeto maior: valorizar o talento local e criar oportunidades para todos. Hoje, é vice-presidente da Associação dos Artesãos, Garimpeiros e Mineradores de Cristalina, uma entidade que se tornou referência na região. William lembra que, quando começou a participar, o grupo ainda era pequeno, limitado a algumas iniciativas pontuais e sem estrutura definida. A entrada dos mineradores e a visão de longo prazo deram um novo fôlego à associação, que passou a pensar não apenas em resolver problemas imediatos, mas em criar um legado de desenvolvimento sustentável para a cidade.

O primeiro contato da associação com o Instituto Meio ocorreu em 2010, quando surgiu a oportunidade de construir a sede, dentro de um projeto de compensação social. O desafio era grande: conseguir um terreno e estruturar o espaço de forma que atendesse a todos. Para um grupo que até então não tinha lugar fixo para reuniões, conquistar uma sede parecia um sonho distante. William recorda: *“Não tínhamos um local que agradasse à maioria.*

Mas conseguimos um terreno a 800 metros da cidade, próximo à BR-040, em um bairro antigo.” O espaço, embora simples, carregava o potencial de tornar-se um polo de convivência, aprendizado e visibilidade para o trabalho artesanal.

Com o local escolhido, o projeto avançou e os sonhos ganharam forma. Hoje, abriga a sede da associação, um auditório para eventos e encontros comunitários, além de lojas de artesãos que, além de dar visibilidade às peças, geram receita e mantêm o local funcional. A inauguração, em 2013, foi um marco para Cristalina. Apesar das dúvidas iniciais, o resultado surpreendeu: a sede consolidou a presença da associação no cenário local, trazendo reconhecimento e novas oportunidades. William relembra com emoção momentos marcantes, como visitas de autoridades, reportagens e eventos que atraíram atenção nacional para a cidade, fazendo com que os artesãos se sentissem finalmente reconhecidos e valorizados.

Além da estrutura física, o Instituto Meio apoiou também a gestão e a melhoria das formas de trabalho dos associados. Com acompanhamento próximo e consultorias especializadas, aprenderam a organizar melhor a produção, precificar suas peças e acessar novos mercados. Um exemplo de inovação foi a criação do Mercado do Cristal, um e-commerce que reúne peças artesanais e representou um salto importante, ampliando ainda mais o impacto da entidade. Se antes as vendas eram restritas a feiras e eventos locais, hoje as peças chegam a diferentes estados do país, dando aos artesãos uma nova perspectiva de crescimento.

Hoje, olhando para a trajetória percorrida, sente orgulho de ver como a associação cresceu e como a cidade passou a olhar com outros olhos para o trabalho artesanal. Ele destaca que o maior legado do Instituto Meio não está apenas nos muros da sede, mas no sentimento de pertencimento que os artesãos conquistaram ao longo desse processo. E com gratidão, celebra as conquistas: *“Desejo muita sorte e sucesso, e parabéns pelo excelente trabalho que mudou a vida de tantas pessoas, assim como mudou aqui em Cristalina.”*

“São 20 anos nos quais o Instituto Meio ajudou muitas comunidades, muitas pessoas, a desenvolverem seu trabalho e terem uma profissão reconhecida.”





MARCAS QUE PERMANECEM

Algumas trajetórias profissionais se transformam em verdadeiras jornadas de vida. No caso de Laura Abreu, a relação com o Instituto Meio ultrapassou os limites do trabalho, tornando-se uma experiência de crescimento, pertencimento e descobertas profundas. Hoje coordenadora executiva de um núcleo de pesquisa em políticas públicas educacionais e de inclusão produtiva no INSPER, em São Paulo, ela se encantou de imediato com a história da instituição e com a energia pulsante de seus projetos. Bastou uma visita ao Instituto Meio para perceber que havia encontrado um espaço para aprender, inovar e transformar. Começou como estagiária e, rapidamente, assumiu a gestão de projetos, mergulhando em experiências que deixaram marcas em sua trajetória profissional e pessoal.

O primeiro projeto foi o Jovem Cidadão, em Vargem Grande Paulista, voltado a adolescentes em situação de vulnerabilidade urbana. Cada oficina de teatro, preparação para entrevistas e montagem de currículo se tornava uma ponte para novos horizontes. Laura lembra do desafio de conquistar a confiança dos jovens, alguns à beira de caminhos perigosos, e da emoção de ver aqueles que se permitiram sonhar abrindo novas perspectivas de futuro. Foi ali que se deu conta da potência de incentivar sonhos de perto, de acreditar neles, mesmo quando pareciam distantes.

Outro marco inesquecível foi o projeto Casa do Mel, em Juquiá, com a Associação de Apicultores do Vale do Ribeira. A organização, antiga e cheia de histórias, enfrentava desafios para se adequar às exigências legais de produção e comercialização do mel. O sonho dos produtores era simples e profundo: obter o selo SISP (que regula e autoriza a manipulação/industrialização de produtos de origem animal), valorizar seu produto e garantir sustentabilidade para sua atividade. Laura acompanhou cada passo do projeto, estudou todos os requisitos, apoiou inúmeras decisões, e aos poucos viu os produtores redescobrirem a confiança.

O que mais a emocionou foi a dedicação apaixonada dos apicultores, para quem cuidar das abelhas era uma missão de vida. A produção de mel dependia da floresta em pé, da diversidade das flores da Mata Atlântica, e cada gesto exigia respeito e harmonia com a natureza. Parcerias com SEBRAE, EMATER e órgãos públicos abriram portas e oportunidades de renda, fortalecendo a comunidade local. Laura lembra do entusiasmo crescente, da esperança que voltava a brilhar nos olhos dos produtores, e do sentimento profundo de que um desejo coletivo estava sendo realizado. Mesmo após sua saída do Instituto Meio fez questão de continuar o acompanhamento dos produtores que logo trouxeram a boa notícia: selo SISP conquistado!

Trabalhar em territórios tão diferentes da sua rotina urbana trouxe lições profundas de cidadania e solidariedade. Dos jovens de Varagem Grande Paulista aos apicultores do Vale do Ribeira, cada experiência reforçou a importância de acreditar nas pessoas e em suas comunidades, mergulhando em aprendizados que não se encontram apenas em livros ou

salas de aula. *“Entendi muito mais sobre o Brasil, sobre onde as políticas públicas deveriam chegar e sobre como o Instituto Meio cobre falhas que deveriam ser direitos de todos: sonhar, realizar sonhos, ter apoio, gerar renda e sair de situações de vulnerabilidade.”*

Hoje, como pesquisadora, Laura olha para trás e percebe que o trabalho no Instituto Meio foi um rico aprendizado. As práticas e cuidados com os grupos refletiam a metodologia da instituição a cada projeto: uma preocupação legítima com o que funciona, o que transforma e como cada programa precisa ser desenhado sob medida para cada contexto. *“Nenhum é igual, cada um tem sua customização”,* completa, reforçando a importância do diálogo e da transparência em todas as etapas, valores que ela leva consigo em sua carreira e pesquisa.

Laura compartilha, também, sua admiração: *“Vida longa ao Instituto Meio. É a minha escola. Um trabalho único, próximo das pessoas, que acumula conhecimento valioso sobre inclusão produtiva. O Brasil tem muito a aprender com isso, e sempre falarei do Instituto Meio com brilho nos olhos.”*

“Entendi muito mais sobre o Brasil, sobre onde as políticas públicas deveriam chegar e sobre como o Instituto Meio cobre falhas que deveriam ser direitos de todos: sonhar, realizar sonhos, ter apoio, gerar renda e sair de situações de vulnerabilidade.”



PARCERIA PARA TRANSFORMAR REALIDADES

O Instituto Meio se tornou, para Filippe Barros, muito mais do que um espaço de trabalho: um ambiente de descobertas, desafios e construção de impacto. Desde 2021, coordena projetos, metodologias e relações institucionais, com atuação que atravessa todas as frentes da instituição, transformando ideias em ações que realmente tocam pessoas e territórios. Antes de assumir esse papel, já atuava no setor de investimento social privado, passando por aceleradoras, consultorias e institutos empresariais. *“Na época, contratávamos o Instituto Meio como parceiro técnico para execução de projetos de empreendedorismo, principalmente com cooperativas e associações”*, lembra. Essa parceria inicial, em 2016, foi decisiva para aproximá-lo da temática de inclusão produtiva e empreendedora, preparando o terreno para sua futura trajetória dentro da instituição.

O ano de 2020 foi um período de transição e escolhas importantes para ele. Após deixar sua posição anterior, buscava projetos de médio prazo que pudessem lhe proporcionar estabilidade e aprendizado simultâneo. *“No final de 2020, decidi entrar em contato com o Lars e o Eduardo, me coloquei à disposição para tocar projetos, e eles me propuseram algo maior: não apenas atuar em ações pontuais, mas contribuir de forma fixa com o Instituto”*, recorda. Isso marcou o início de uma parceria intensa e transformadora.

O coordenador valoriza a condução do Instituto Meio em situações desafiadoras, equilibrando empatia e eficiência. Uma situação que exemplifica bem esse princípio foi a necessidade de cancelar um projeto.

“Foi difícil, mas mantivemos um olhar cuidadoso com a comunidade e pragmático ao mesmo tempo, mostrando como é possível conciliar empatia e objetividade. Isso me marcou bastante”, diz. Experiências como essa consolidam a importância do cuidado humano aliado à gestão eficiente, um valor que permeia toda a atuação da instituição.

Recentemente, acompanhou a Usina de Negócios da CTG Brasil, em Arinos (MG). *“Foi minha primeira vez em campo. Ouvir os relatos das pessoas sobre como o projeto mudou a vida delas, como motivou os filhos a voltarem para trabalhar nas propriedades familiares, foi incrível. Isso mostra que o Instituto Meio não apenas executa projetos, mas transforma realidades, incentivando autonomia e gestão eficiente no campo”,* compartilha.

Essa transformação, segundo Philippe, é reforçada pelo uso cuidadoso de indicadores. Mais do que uma exigência administrativa, eles se tornam ferramentas de aprendizado e empoderamento. Orientando os

participantes a gerirem propriedades como pequenas empresas; controlando entradas, saídas e decisões de investimento, o Instituto Meio permite que os beneficiados tomem decisões mais conscientes, guardem recursos e reinvestam. Assim, dados e planejamento caminham lado a lado com dignidade, autonomia e motivação, ampliando o impacto humano do projeto.

Para Philippe, olhar para os últimos cinco anos de atuação intensa permite reconhecer a profundidade do impacto do Instituto Meio.

“Os primeiros 20 anos foram de consolidação, mas ainda há muito a ser feito. Novas tecnologias e demandas vão surgir, e teremos que nos adaptar. Espero que, um dia, o Instituto Meio não precise mais existir, porque isso significará que conseguimos transformar realidades e reduzir desigualdades de fato”.



“Construímos muito juntos, não apenas em termos de projetos, mas também de crescimento da equipe, diversificação de clientes e metodologias. Foram anos de aprendizado e desafios que nos preparam para os próximos 20 anos.”

RAÍZES VIVAS

No coração da comunidade quilombola Invernada dos Negros, em Abdon Batista (SC), Edson Luis de Souza encontrou no cultivo da terra mais do que um sustento: encontrou uma história de tradição e resistência. Entre morangos, alfaces e a criação de animais, ele construiu um modo de vida que atravessa gerações, transmitindo valores de cuidado, dedicação e respeito à terra. Mas, como muitas comunidades quilombolas, expandir a produção era um desafio constante. Foi nesse contexto que o Instituto Meio entrou em cena, trazendo apoio, conhecimento e novas possibilidades para ele e sua comunidade.

Antes do projeto da CTG Brasil (empresa de geração de energia) em parceria com o Instituto Meio, iniciado em 2022, a produção de Edson era pequena. Contava apenas com uma estufa de alface, algumas culturas e a criação de animais, que serviam, à princípio, para subsistência e uma comercialização tímida. Ainda assim, com esforço, conseguia manter dois filhos na faculdade, enfrentando diariamente as limitações do espaço, dos recursos e do mercado. A vida no campo exigia criatividade e perseverança, mas ele sonhava com algo maior: ver seu trabalho crescer e criar oportunidades para todos da Invernada dos Negros.

O projeto trouxe um olhar completo sobre a realidade da comunidade. O Instituto Meio respeitou profundamente as tradições locais, com mais de 150 anos de história, e apresentou soluções que não apenas potencializavam a produção, mas que ampliavam os horizontes para a venda dos produtos. Agrônomos e veterinários passaram a acompanhar de perto os processos de cultivo e criação de animais, ensinando técnicas modernas sem desconsiderar os saberes ancestrais da comunidade. *“Todas as famílias tinham uma produção diversa, como é tradição quilombola, e um projeto que escolhesse*

apenas um cultivo não teria aceitação aqui. O Instituto Meio soube respeitar isso e conduzir o projeto com cuidado,” conta.

A iniciativa não beneficiou apenas a família de Edson. Outras 22 famílias quilombolas também foram contempladas, cada uma fortalecendo seu próprio negócio. Além disso, o projeto ofereceu aporte para construção de novas estufas e aquisição de materiais para a lida no campo.

Hoje, a produção do agricultor vai além da subsistência; há excedente para comercialização, e o cuidado com a qualidade e o respeito aos processos tradicionais permanecem intactos. Para Edson, isso mostra como iniciativas bem estruturadas podem gerar impactos coletivos, ajudando a manter viva a tradição do cultivo plural e garantindo que a comunidade tenha acesso a oportunidades que antes pareciam distantes.

Mais do que números, o produtor destaca o aprendizado que o projeto trouxe. *“Os consultores do Instituto Meio que nos atendiam*



estavam sempre dispostos a nos ouvir, presentes em cada etapa e essenciais para que tudo desse certo”, lembra. Essa proximidade foi fundamental para que a produção evoluísse com segurança, respeitando as tradições da comunidade e garantindo resultados concretos.

Edson lembra, com um grande sorriso (e brevemente interrompido por um beijo do filho), de quando o garoto, que fazia faculdade fora da cidade, decidiu retornar para trabalhar ao seu lado. “Hoje é difícil para os jovens enxergarem o campo como um mercado, mas o projeto apresentou essa oportunidade para meu filho”, conta. O jovem produtor também recebeu apoio para a construção de sua própria estufa, ampliando a capacidade produtiva da família e garantindo que o legado agrícola seguisse para a próxima geração.

A transformação alcançada reforça a confiança de Edson no Instituto Meio como uma instituição comprometida e atenta às comunidades quilombolas. “Se uma instituição consegue durar 20 anos ajudando tantas pessoas, é porque é muito séria e imagino que já alcançou muita gente” conta, com orgulho e gratidão, reconhecendo o papel do Instituto na continuidade e fortalecimento do trabalho familiar.

“O Instituto Meio ajuda a cobrir uma lacuna que existe para comunidades quilombolas. Eles oferecem suporte sério, respeitam os ritmos e tradições locais e ajudam a criar oportunidades que realmente permanecem.”



TRABALHO E DIGNIDADE

Algumas trajetórias se transformam em histórias de superação e esperança. No caso de Ana Paula de Jesus Ribeiro (39), de Ijaci (MG), o trabalho e a vida se entrelaçam de maneira profunda. Antes confinada às duras rotinas de um lixão, ela encontrou no apoio do Instituto Meio um caminho para ressignificar seu trabalho, sua comunidade e sua própria vida. Hoje, presidente da Associação dos Catadores de Material Reciclável (CAMARE), reflete sobre uma trajetória marcada por coragem, aprendizagem e conquistas coletivas.

A vida antes do projeto era dura e cheia de limitações. *“A gente trabalhava porque necessitava, mas era um lugar que nenhum ser humano deveria estar. A gente passava por coisas ruins, cheirava mal, mexia com tudo que não era bom, era muito pesado”*, lembra. O salário, que mal chegava a R\$300, sustentava apenas o básico, e cada dia no lixão representava não só esforço físico, mas desgaste emocional. Apesar da necessidade, o trabalho não trazia dignidade nem perspectiva de crescimento. Era uma rotina marcada por desafios extremos, onde sobreviver era prioridade e sonhar parecia impossível.

Mesmo diante dessas dificuldades, havia sonhos que precisavam de oportunidade para florescer. A associação existia formalmente, mas não funcionava na prática. Não havia estrutura, recursos ou orientação para transformar a iniciativa em um trabalho sustentável. Ana Paula e seus colegas precisavam de apoio para começar a atuar de forma organizada, gerar renda digna e criar impacto real em suas vidas e na comunidade.

Foi então que a InterCement, em parceria com o Instituto Meio, entrou em cena. Um projeto que trouxe assistência completa: do maquinário

necessário ao apoio administrativo, criação de estatuto, regimento interno e toda a documentação legal. *“Eles participaram desde o começo. A gente era leigo, não sabia nem mexer com computador. Eles ensinaram a criar tabelas, a organizar, a gerenciar uma empresa”*, conta. Mais do que ferramentas técnicas, vieram incentivo, orientação e confiança: elementos essenciais para transformar vidas e abrir caminhos.

A experiência marcou profundamente sua trajetória. Ela lembra de pequenas conquistas que simbolizam mudanças gigantes: a primeira compra de materiais para o barracão, acompanhada pelos parceiros; a assinatura de contratos intermediados pelo Instituto Meio junto à prefeitura; e o sentimento de igualdade e respeito que sempre marcou as relações. *“Eles sempre nos trataram de igual para igual. Não éramos só beneficiários, éramos pessoas capazes, com potencial”*, recorda. Cada ação do projeto, cada orientação, consolidou o aprendizado sobre organização, autonomia e solidariedade.

O impacto dessa transformação é visível na vida cotidiana. Hoje, a associação beneficia quase 20 famílias, direta e indiretamente. O salário, antes de R\$300, alcança seis vezes mais, e o trabalho ocorre em ambiente limpo, com infraestrutura adequada e sem os riscos e insalubridade do lixão. Mais do que recursos, os associados adquiriram dignidade, segurança e esperança. *“O que fizeram lá atrás é de grande valor para todos nós”*, afirma.

A presidente da associação garante que o projeto transcende resultados financeiros ou organizacionais: é sobre acreditar nas pessoas e nas comunidades, sobre construir oportunidades e ensinar que, com apoio e persistência, sonhos podem ser realizados. Ela reconhece que a reciclagem, além de gerar renda, transforma o meio ambiente e a percepção da sociedade sobre o trabalho das mulheres envolvidas.

Uma trajetória que começou no lixão se transformou em história de esperança, resiliência e transformação coletiva, lembrando a todos que quando se acredita no ser humano, resultados extraordinários florescem.

“Que eles continuem sendo luz na vida das pessoas, acreditando no potencial de cada um. Porque foi por acreditarem na gente que hoje temos um trabalho digno, conseguimos sustentar nossas famílias e ajudar mais pessoas.”



O SONHO QUE VIROU CAMINHO

Movido por um desejo de contribuir para algo maior, Eduardo Parente, fundador do Instituto Meio, buscava sentido além do sucesso profissional. Formado em Administração pela FGV, com pós-graduação em Marketing, iniciou sua carreira em multinacionais e consultorias, mas sentia que algo faltava. *“No fundo, eu não estava tão satisfeito com o que eu fazia”*, admite. Foi nesse período de reflexão, por volta de 2003, que começou a vislumbrar uma trajetória diferente. Inspirado pelo exemplo dos Médicos Sem Fronteiras, sonhava em levar conhecimento a quem realmente precisava. Surgiu ali a semente do que se tornaria o Instituto Meio: um espaço para transformar vidas, levando seu conhecimento técnico a comunidades afastadas dos grandes centros.

A parceria com Lars Diederichsen foi determinante para o início desse caminho. O amigo de longa data apresentou algumas associações de artesanato e acendeu a ideia de levar os produtos para o mercado e apoiar seu desenvolvimento. Surgiu, então, a ideia inicial de criar uma exportadora, mas logo perceberam uma limitação: os artesãos não estavam preparados para o mercado. *“Não tinham capital de giro, não tinham gestão, não sabiam receber um pedido, nem controlar qualidade”*, explica. Foi aí que Eduardo vislumbrou a missão do Instituto Meio: capacitar esses grupos para que pudessem entrar no mercado de forma estruturada. A união do olhar de design e agregação de valor de Lars com a expertise em administração, marketing e finanças de Eduardo se transformou na base da organização. Ele brinca: *“Fazemos um Médicos Sem Fronteiras da Administração de Empresas, levando conhecimento técnico para quem está na ponta”*.

O administrador lembra que os primeiros anos foram desafiadores, principalmente por causa do conceito inovador que traziam: gerar renda de forma perene. *“Os primeiros três anos foram bem complexos, porque muito do que*

existia na época era assistencialismo”, conta. Com oficinas pontuais, como formação de preço, comunicação e design, o Instituto Meio começou a introduzir a ideia de empreendedorismo social. Somente por volta de 2008, a abordagem começou a ser compreendida e aceita, permitindo que os projetos fossem executados de maneira mais integrada, com impacto real na qualidade de vida das pessoas.

Essa experiência inicial de adaptação e aprendizado junto às comunidades se tornou um pilar da metodologia do Instituto Meio. Muito do sucesso veio da capacidade de traduzir conceitos complexos em uma linguagem simples e acessível para diferentes públicos.

A horizontalidade e a confiança mútua se tornaram princípios fundamentais: *“Toda construção tem que ser conjunta. Se você não senta junto, sem hierarquia, não consegue um projeto de sucesso”*.



A colaboração é, para o fundador, um dos segredos do Instituto Meio permanecer ativo e relevante por 20 anos. A organização sempre valorizou equipes multidisciplinares, reunindo profissionais para somar conhecimento e atender às necessidades de cada projeto. Além disso, a instituição participou ativamente do desenvolvimento do ecossistema de impacto social e empreendedorismo no Brasil, consolidando a ideia de que conhecimento gera oportunidades. Mas, para ele, o aspecto mais relevante dessa trajetória está no impacto direto na vida das comunidades.

O legado do Instituto Meio também se reflete na formação de pessoas. Muitos profissionais que passaram pela organização continuaram atuando em projetos sociais, seja em outras instituições ou no meio acadêmico, transmitindo o valor do conhecimento aplicado à transformação social. Eduardo percebe esse efeito como uma extensão natural da missão da organização: criar impacto sustentável, não apenas imediato.

O futuro é sempre incerto e planejar décadas à frente é um desafio. *“Quando eu trabalhava em multinacional, nos anos 90, fazíamos planejamento para 20 anos. Hoje, empresas de tecnologia planejam seis meses; ninguém sabe como o mundo estará daqui a um ano”*, reflete Eduardo. Ainda assim, a perspectiva do Instituto Meio é clara: continuar gerando impacto, apoiando projetos de geração de renda e levando conhecimentos que permitam às pessoas participar dessa engrenagem. A organização segue se adaptando, garantindo que o conhecimento chegue de forma efetiva a públicos em situação de vulnerabilidade e transformando vidas de maneira significativa e sustentável.

É justamente esse propósito duradouro que torna a trajetória do Instituto Meio uma das maiores realizações de Eduardo. Participar da criação e consolidação da organização, ver comunidades transformadas e inspirar novos profissionais a acreditar no poder do conhecimento aplicado com propósito, transforma a experiência em privilégio e orgulho. *“O Instituto Meio é um dos meus maiores orgulhos”*, conclui, lembrando que cada avanço reflete anos de dedicação, aprendizado e confiança.

“Saber que o nosso conhecimento melhorou a vida de alguém, deu oportunidades para os filhos, melhorou a qualidade de vida, não tem coisa mais gratificante. Essa experiência é, ao mesmo tempo, um prêmio e uma realização profissional, uma mistura de sorte e privilégio poder transformar isso em carreira”.



RECICLAGEM COM PROPÓSITO

Em Rio Branco do Sul (PR), a reciclagem sempre foi o coração do dia a dia de Levi Prestes Monteiro (60) e Palmira Aparecida dos Santos (48). Mas antes do Instituto Meio chegar, essa missão de transformar resíduos em valor era marcada por desafios quase insuperáveis. Durante anos, na mesma associação, enfrentavam uma rotina física exaustiva, com poucos equipamentos e infraestrutura mínima, que tornava o trabalho pesado e desgastante. *“Chegávamos com a caminhonete, virávamos o material no chão e separávamos tudo curvados, arcados. Era um trabalho que castigava o corpo.”*, lembra Levi, recordando o esforço de cada dia.

A dupla já havia participado de outros projetos, mas a experiência havia sido marcada por instabilidade e incerteza. A chegada do Instituto Votorantim com o apoio do Instituto Meio trouxe uma nova perspectiva. *“No começo, foi meio esquisito. A gente não acreditava que a coisa ia funcionar mesmo, mas, quando firmamos com eles, deu certo, graças a Deus”*, relata Levi, destacando que a confiança construída foi gradual, mas sólida. O primeiro passo das ações foi a análise das atividades da ACAVARI (Associação de Catadores de Materiais Recicláveis do Vale do Ribeira), buscando formas de aumentar a coleta e melhorar a qualidade do material reciclável.

Do diagnóstico, chegaram equipamentos essenciais, como esteiras e prensas, que transformaram a rotina da produção. Antes, com recursos limitados, apenas uma empilhadeira dava suporte, e a eficiência era baixa. *“Hoje, com a esteira, o trabalho rende mais rápido, e o pessoal não corre risco de ter problemas de saúde no futuro”*, explica Levi. Além do impacto físico, a organização da associação evoluiu significativamente, tornando o trabalho mais seguro e produtivo.

O efeito do projeto também se refletiu na renda e na quantidade de famílias beneficiadas. Antes, a média salarial girava em torno de R\$ 1.200,00, com oito pessoas trabalhando dentro do barracão e onze catadores autônomos fora dele. Atualmente, são catorze internamente e dezesseis fora, com uma média de R\$ 2.500,00 mensais. Além disso, a iniciativa contribuiu para a melhoria do espaço físico, como a pavimentação do barracão e a aquisição de um caminhão novo, permitindo maior eficiência e conforto no trabalho e aumento da produção para 50 toneladas.

Os associados destacam que, ao longo dos cinco anos de projeto, não faltaram histórias marcantes, aprendizados e momentos de superação. *“O fato de ter conhecido o Lars (fundador do Instituto Meio), que iniciou o projeto conosco, foi transformador. No começo, eu estava com medo, gelava, mas perdi o medo e aprendi muito com ele”*, comenta Levi. O aprendizado não foi apenas operacional: também envolveu gestão administrativa e

prestação de contas, áreas nas quais Palmira se destacou, tornando-se referência dentro da ACAVARI.

O Instituto Meio garantiu suporte contínuo, com acompanhamento próximo e confiável. As ações de gestão financeira e documentação foram conduzidas mesmo após o término do contrato. *“Foi um projeto de mais de 360 mil reais, na época da pandemia. Nunca precisamos questionar nada, tudo o que vinha para a gente, estava correto”*, ressalta Levi, reforçando a confiança e o comprometimento da equipe.

A experiência transformou não só a rotina de trabalho, mas também o lado humano de todos. O respeito, a parceria e o incentivo recebidos foram sementes que fizeram a associação florescer e fortalecer a autoestima de cada pessoa envolvida.

“Que o Instituto Meio siga acreditando no potencial de cada um e abrindo caminhos para que todos cresçam.”



Ao celebrar estes 20 anos, reconhecemos que nada disso seria possível sem a confiança, o trabalho conjunto e a dedicação de todos que caminharam conosco — beneficiários, parceiros, colaboradores e amigos do Instituto Meio.

Cada história é fruto de uma rede de pessoas que acreditaram no poder da transformação coletiva. A todos que fizeram parte dessa jornada, deixamos nossa mais profunda gratidão.

Muito obrigado!





www.institutomeio.org
contato@institutomeio.org

Rua Mário de Alencar, 239 – Vila Madalena
CEP: 05436-090 – São Paulo – SP – Brasil



Instituto **Meio**
desenvolvimento sustentável